TOBIAS BARRETTO DE MENEZES

(CONTINUAÇÃO)

O POETA

Para estudar com imparcialidade a physionomia de um poeta, com o ponto de vista que lhe é proprio e a força emotiva de seu espirito, é necessario conhecer o conjuncto de que a sua obra depende, o estado geral das ideias e dos costumes no seu tempo, o terreno safaro ou productivo em que elle medrou e cresceu.

Se eu podesse, portanto, fazer, com o methodo da critica moderna, o estudo da obra poetica de Tobias, teria de seguil-o desde a infancia, « entretendo relações de amisade com as velhas arvores, » para bem comprehender os cambiantes de sua musa nos diversos momentos psychologicos a que elle teve de subordinar-se e, sobretudo, o relevo original de seu estylo.

Nascido n'uma pequena villa sertaneja, trazendo á pelle os parasitas da ignorancia de muitas gerações mortas, sem professorado, com a falta absoluta de boa convivencia, Tobias consegue apprender as primeiras lettras, apaixona-se em seguida pela velha lingua do Lacio e, com o mavioso Virgilio sobre os joelhos, adora a natureza que não podia ser vista por elle somente nos *formigueiros areentos e nos quixabaes tristonhos* de que falla o Sr. Sylvio Romero.

Impressionado, no isolamento durante os dias longos, pela profusão da luz chromatica do sol fazendo contraste com a humildade honesta do foyer paterno, em noites consecutivas mergulhado nas idéalisações á doce luz coada das estrellas, por vezes com o pensamento errando pelas scenas *d'aprés nature* no banho das raparigas de « seios tumidos e olhos azues », o jovem sergipano

sente todo o seu ser vibrar de emoção e, ao mesmo tempo irrompe-lhe da alma a fonte sonora do lyrismo abundante como o veio da agua pura vem borbulhando do seio da terra.

D'ahi por ventura a rebeldia do seu temperamento, a irreverencia com que elle quebra os deuses da poesia indigena, a audacia com que elle injecta seiva nova na arvore desolada da pobre patria nacional.

Um poeta parisiense como Leconte de Lisle, coroado de cabellos brancos membro da Academia esculptor de poemas caprichosamente cinzellados, não pode ter diante da natureza a mesma impressão que um grego do seculo de Pericles á sombra das oliveiras da Attica ou n'algum bosque sagrado das ilhas no azul do mar Egéu. O instrumento de visão e de analyse varia de um artista á outro.

Representantes de varias epochas e paizes diversos têm lançado mão do mesmo assumpto na pintura no drama, no romance, em toda a escala das manifestações da esthetica, e, todavia, cada um tem conseguido imprimir na sua obra o cunho que lhe é proprio, o traço especial do seu caracter e do seu talento.

Muitos romances e varios dramas dão-nos a physionomia e as luctas intimas de jovens perdidos de amor, desde *Romeu* até *Giliat*, desde *Manon Lescaut* até a desventurada *Graziella*; mas é curioso ver como elles se differençam pelo cunho individual, como a paixão mundana da rapariga dissoluta do seculo XVIII, mimosa flor do vicio, se destaca do amor virgem e ideal da ingenua procitana, ora escondida na grutta de Pausilippo, ora rojando-se de saudade no chão da cabana silenciosa de Napoles; como o amor cavalheiresco do personagem de Shakespeare, com as esporas de ouro e o gibão de velludo, se destaca da paixão sobrehumana, talhada na rocha, do personagem excentrico de Hugo.

Tomemos, para seguir Taine, dois exemplos na pintura: No *Repas de Emmaús*, o Christo de Rembrandt é uma figura cadaverica, amarello e triste, lançando o olhar misericordioso sobre as agonias humanas banhado por uma tenue claridade do outro mundo, assentado n'uma pobre mesa de taverna, tendo perto seus discipulos de fronte calva e branca.

Nos quadros de Veroneso sobre o mesmo assumpto a nota geral é outra: o ceu azul se estende por cima de uma architectura de balaústres, de columnatas e estatuas, desenrola-se uma festa de apparato venesiano do seculo XVI por entre a brancura luzente e a variedade dos marmores, emquanto o Christo, no centro,

tem em roda os nobres vestidos de seda e as princezas em robes de brocardo comendo e rindo despreoccupadamente.

Isso quer dizer que a receptividade psychica não obedece somente ao meio e a raça, subordina-se ainda ao *momento*. Um pobre trecho de musica sevandijado por trovador vagabundo, á hora da noite em que acabamos de dobrar a pagina do livro e soprar a vêla, á espera do somno, consegue ás vezes despertar-nos as mais suaves sensações emquanto, n'uma outra hora, n'uma sala rica de adornos e de luzes sentimos o tedio ouvindo os mais bellos pedaços de musica favorita.

Horacio modelo de bom gosto e delicadesa em poesia, tomando parte nos banquetes de Augusto ao lado de Virgilio, diverte os circumstantes com algumas satyras contra os maus poetas; mas logo que elle pode apanhar-se na solitaria casa de Tibur, á sombra dos carvalhos verdejantes e ao ruido das aguas do Anio, dirige aos seus amigos de Roma uma epistola intima em que se espalham os fios de ouro da genuina inspiração, como os floccos de espuma na queda das cachoeiras.

Quero dizer com isso que o *meio* e o *momento* influiram poderosamente no organismo impressionavel, do poeta sergipano, ao contrario do que pensa o Sr. Roméro, affirmando que a terra que serviu de berço a Tobias e onde elle viveu até aos vinte e dois annos, « nada lhe forneceu, além do banho folgazão do rio Real. »

O estylo é a roupagem da obra d'arte e se não é possivel contestar-lhe a accão na poesia, deve-se a Tobias a justiça de dizer que elle trazia desde os primeiros versos o cunho pessoal, a nota da originalidade; mas releva ainda ponderar que si essa originalidade é em boa parte devida ao temperamento autonomo do poeta, não é possivel negar que o *meio* e o *momento* lhe tenham dado grande tensão. Da poesia *O Beija Flor*, as quadras escriptas em 1860 são uma bellissima prova do meu asserto.

Alli ha o lyrismo, é certo, as estrophes são escriptas em versos de sete syllabas como anteriormente tinham feito centenas de poetas, mas a *faculté maitresse* revela-se com audacia e é fóra de duvida que a gente ao lel-as recebe uma impressão nova descobrindo de todos os pontos de vista que o vate possue a rebeldia precisa para não pedir emprestada aos choramingos da epocha a sensaborona inspiração morbida.

Se é exacto que toda a idade litteraria tem o seu periodo de esboço, aquelles versos bem demonstram, pela architectura da

phrase um admiravel esboço, da renovação poetica que alguns annos depois devia se operar no paiz.

Veja-se a *Lenda Rustica*, narrativa brilhante em que ha os senões da escola condoreira, mas onde borbulha o lyrismo de grandes haustos, onde uma bella scena da vida campestre é rapidamente descripta com todas as linhas vivas de uma alma de eleição.

Scena violenta que a outro qualquer teria dado ensejo para longa poesia com profundas golphadas de sangue, com uma orchestra infernal de imprecações e gemidos. Tobias apanhou-a com habilidade rara n'um golpe de vista e narrou todos os momentos do facto n'uma bella synthese naturalistica.

Outros poetas do seu tempo podiam ter feito a mesma narrativa, mas nenhum inclusive o proprio Castro Alves, teria a fortuna de circumscrever tanto o quadro, e quando o fizesse não daria a mesma vida e movimento ao drama, a mesma febre ao braço vingador, o mesmo tom imponente a todo o enredo, sem escorregar na tragica pavorosa ou no lyrismo piegas dos poetas alambicados.

Nota-se nos versos citados a elevação de vistas, o largo folego da verdadeira poesia, o vôo da aguia, alguma cousa que não está ao alcance da *musa pedestre*, da pobre inspiração terra á terra dos mediocres.

A percepção rapidada, o estylo incisivo e prompto, o jogo de scena em poucas palavras, são prrdicados de Tobias e nenhum poeta brazileiro, que eu saiba, teve como elle o dom de ajustar dentro de uma estrophe um brilhante lance de Historia patria, com os personagens principaes em seu lugar, cada qual fallando por sua vez, como na estrophe unica existente da poesia á *Guerra Hollandeza* em 1861.

E' que o poeta sergipano acostumara-se a admirar os quadros singelos da natureza, a olhar com o respeito religioso da arte, com a mesma sincera impressão com que Schiller dizia um dia aos camaradas com quem se achava na floresta de Lorch: « Eu renunciaria voluntariamente a tudo que possuo, antes que á alegria que experimento sob estas bellas arvores verdes. »

Aquelle que divertiu-se na meninice a ver « as vaccas paridas os carneiros marradores » em pleno campo, que tem n'alma a nascente da poesia reflectindo-lhe o mundo exterior a paz bucolica, o ceu azul, o passaro de plumas variegadas, a andorinha forasteira que vem n'uma bella manhan de estio fazer o ninho no beiral do seu telhado,—deve possuir a faculdade de copiar os grandes quadros sem a pompa lithurgica de arte medieval, sem

os fios sanguineos e o grande vèo negro da musa de tragedia.

Entretanto, quero crer, que ao poeta sergipano dotado de um temperamento de artista, de grande emotividade, fartamente servido por qualidades excepcionaes, faltaram, para que elle podesse ter deixado um producto litterario de mais folego do que as suas bellas poesias avulsas, dois grandes impulsores das organisações poeticas : o amor e a desgraça.

Elle nunca sentiu a paixão arrebatada que não encontra lenitivo, que origina a perseguição, a fome e as ameaças de toda ordem—fogo sagrado que conduz Camões fóra da patria, e, apezar de pobre, oriundo de familia humilde, elle poude obter a educação intellectual, com esforço, mas sem grandes vicissitudes.

Não foi certamente um poeta cortesão, como Racine, nem o seu caracter tem ponta de contacto com o do illustre camponio de Fertè Millon; mas se Tobias não quiz ser um commensal da casa reinante, nunca deixou de ter o applauso ruidoso das turbas e, mais do que isso, da mocidade intelligente.

Se o vate sergipano, graças aos assomos viris do seu espirito, não quiz ser um conviva da imperial mesa de Bysancio ; recebendo pensão regia e vendo para onde pendia a vontade do Cesar philosopho, tambem não foi no rigor da phrase um desventurado como Dante, errando pelas florestas e á beira do mar emquanto a sua casa era entregue a pilhagem e a sua ephigie era levada á fogueira

A lembrança de Beatriz, fonte perenne de sensibilidade, boia à toda hora no mar revolto da vida do poeta florentino, mas foi preciso ainda que elle sentisse a saudade da patria e as paixões da guerra civil, para que tivesse força de escrever os tercetos de marmore do seu poema.

Se Tasso não tivesse amado e soffrido, com a resistencia heroica da fé religiosa, não teria aproveitado a melodia que encontrou n'alma para cantar

> .... *l'armi pietosi e il capitano*
> *Che il gran sepulcro liberó de Christo.*

Pensando assim não quero dizer que só os auctores de epopeias e poemas mereçam a verdadeira homenagem da posteridade, porque facil seria retorquir-me que na *Divina Comedia* mesma, o episodio de Francesca de Remini com a pintura sobria de cores, com a innocencia e a juventude dos dois personagens, bastaria para collocar Dante ao lado dos maiores poetas.

O jovem sergipano não foi arrastado na voragem de uma paixão louca, não teve a brasa dos grandes infortunios irrompendo-lhe do peito á flor dos labios, e, por outro lado, não encontrou nada verdadeiramente epico na Historia patria que lhe podesse servir de motivo a imaginação.

O indianismo insipido, com uns laivos de grotesco, com as tatuagens e os *collares, os arcos rigidos, os sons do murmuré* e as *ygaras concavas* estava de todo inane, e a mallograda escola de Gonçalves Dias, tendo vivido a custa do fulgor do seu talento alguns annos somente como tentativa, não era thema capitoso á inspiração de Tobias.

Por sua vez já tinha passado a epoca de Byron, as facecias de Heine, o *humour* voluptuoso, o requinte do pagode, o prazer da orgia que toma a face cadaverica e deixa a escuma verde do resaibo amargo no canto do labio, tudo isso era tombado, como a columna dorica de um palacio, e Tobias sentiu bem que para desferir os sons accordes de sua lyra não precisava das vertigeus do vinho que fazia Musset dizer;

«*Qu'importe le flacon, pourvu qu'il ait l'ivresse*! »

Elle sente poder cantar alguma cousa mais elevada do que as galanterias de uma noite' as pequenas scenas romanescas as coquetices de *Ninette ou Ninon*.

O arranque do temperamento, a sua musa expansiva, a sua alma vibrante, estão reclamando um ideal novo.

O ar não canta e nem uma folha bole no campo deserto de poesia brazileira, os trovadores dispersos devoram a palha que a caturrice contemporanea lhes serrota, mas o jovem poeta vê por cima dos muros a nova idade que hade surgir e ouve distinctamente soprar lá fóra o vento de guerra.

∴

O auctor das cartas a Fradique Mendes diz ter lido algures que Juan Ponce de Leon, enfastiado das planicies de Castelha a Velha, não encontrando já encanto nos pomares da Andaluzia, se fizera ao mar para buscar outras terras e *mirar algo nuevo*.

Depois de ter levado tres annos sobre a face monotona do Atlantico e tristes mezes perdido nos nevoeiros das Bermudas,

com a esperança desfeita, eis que n'uma bella manhã de sol, em dia de S. João, elle pode gritar, com as lagrimas em fio pela bar branca, ante os esplendores da Florida :

Gracias te sean, mi S. Juan bendito, que he mirado algo nuevo

Diante do espectaculo que os seus olhos buscavam desd muito tempo, Juan Ponce de Leon morreu de commoção.

« Nós não morremos, affirma o escriptor citado ; mas lagrimas remotamente parecidas com as do velho mareante e nas idas do mesmo ideal satisfeito saltaram-me dos olhos quando pela primei ra vez por entre o brilho sombrio sentimos os perfumes acres das *Flores dó Mal*.

Se todo esse arrebatamento do notavel portugal tinha lugar em 1867 por causa do « luxo novo das forma novas » de Baudelaire, imagine-se agora a surpreza de Tobias vendo surgir-lhe em 1861 o *algo nuevo* da obra de Hugo, com as arcarias magestosas, as columnas de porphyro, a pintura *miguelangelesca* do tecto e as incustrações caprichosamente trabalhadas.

Com muito mais razão deveria ter soltado do peito o *gracias te sean* do velho castelhano, porque certamente não era outro o ponto de vista que elle andara buscando,

O que de original dos seus versos, os impetos varonis do seu caracter, os voos alterosos do seu estro encontraram na obra genial do poeta francez a verdadeira corrente ambicionada.

Nem de modo algum isso pareça estranho.

Escrevendo a um amigo dizia Schiller a respeito do seu *D. Carlos* : » Elle tem a alma de *Hamlet* de Shakespeare, o sangue e os nervos do *Julio* de Leiseivitz, a vida e o impulso meus. » Das poesias condoreiras de Tobias, isto é, as que pertencem á segunda phrase de sua carreira poetica, pode-se affirmar que ellas tem o apparato scenico de Hugo, o que porem não quer dizer que em qualquer d'essas composições deixe de expandir-se a alma juvenil da terra natal, a vida propria e o impulso autonoma

E' que o momento psychologico da patria convulsionado. influiu poderosamente no espitito do poeta e forneceu-lhe o que se pode chamar a côr local dos seus versos.

Pouco tempo depois de sua chegada ao Recife dava-se a explosão de odio contra o representante de S. Magestade britantca, o Sr. Christie, que do governo imperial não tendo recebido a indemnisação a que se julgava com direito, deu ordem ao almirante Varren para aprisionar as embarcações brasileiras.

O paiz tinha de sahir de questão Christie para esperar pelas grandes luctas do Paraguay, isto é, o Brasil devia atravessar durante alguns annos dias de dolorosa emoção.

Para maior estimulo, ergue-se Castro Alves, em 1864, apenas com desesete annos, attrahido pela força homerica de Hugo, bebendo em longos sorvos o novo idéal que vinha de Jersey.

Os dois juntos empunharam o machado demolidor da antiga forma desacreditada hasteando com a mesma coragem o o estandarte novo.

Não padece duvida que Tobias tenha precedido o Castro na leitura de Hugo, nem se pode contestar que as poesias condoreiras do primeiro fossem anteriores as que no mesmo estylo publicou o segundo

Ao travar conhecimento com o poeta das *Odes e Balladas* em 1861 Tobias tinha 22 annos, emquanto o Castro era uma creança.

Ao vate sergipano não se póde recusar a gloria que lhe advem de ter concorrido com algumas poesias, tres annos antes de Castro Alves, para a inauguração de uma era nova na arte poetica do Imperio, mas não quero e não devo chegar ao exagero do Sr. Romero que julga o jovem poeta bahiano discipulo ou sectario de Tobias.

Antes de 1864 este não fundara escola, nem é exacto que desde « as primeiras composições os enthusiastas tomassem o partido do sergipano. »

Matricularam-se no curso juridico os dois poetas em 1864 e juntos levantaram-se no theatro academico, crearam partido desde que appareceram unidos no prelio vestindo ambos a mesma clamyde custosa.

Entretanto a figura sympathica de Castro, os seus dotes de propagandista, a sua cabelleira solta, o tom mais sonoro de sua voz, o gesto menos arrebatado, a sua pallidez doentia, porventura deram maior realce aos seus versos, de forma que ainda bem elle não apparecia na platéa já os espectadores acclamavam n'o e Soares de Azevedo, um distincto cultor das musas em Pernambuco, gritava do seu camarote de director: *O Vôo do Genio, queremos ouvir o Vôo do Genio.*

E vê-se bem que um não foi discipulo do outro e, ao contrario, foram da mesma estatura, com os traços proprios, as differenças de predilecção, as tendencias subjectivas, notando-se que, um, na phrase do Sr. Romero, inspira-se mais em a natureza, o outro no estado de nossa vida social, um falla aos

captivos de preferencia, o outro aos homens livres principalmente.

Tobias apaixonou-se pelos primeiros cantos de Hugo, pelo vate das Contemplações e das *Orientaes*, onde ha « reminiscencias vivas da casta e perfeita musa hellenica, » enthusiasmou-se pelo Hugo de antes do exilio, porta bandeira da orientação nova na arte, impressionou-se antes de tudo pelo lyrismo impessoal « desdobrado em estrophes divinas que são dogmas de immutavel belleza, onde parece que reside a quinta essencia, abstracta e absoluta, de toda a poesia humana' da que é cantada á luz viva e hilariante do meio dia, e da que é vagamente e mysticamente sonhada sob as céus melancolicos do Norte. »

A Castro Alves, entretanto, o que mais impressionou foi o que bem se pode chamar a instrumentação wagneriana do exilado de Guernesey, a forma alada, os adjecjtivos cadenciados, as sonoridades de tambor, ou porventura, os processos de relevo que refundem o velho metal da lingua velha e o rejuvescem para a esculptura da poesia.

O jovem poeta do *Navio Negreiro* tinha bastante talento para não obedecer a chefia de um seu collega de curso, e tanto elle não era considerado discipulo de Tobias, que, tendo-se dado o rompimento entre os dois, Palhares, terceiro élo da cadeia, na phrase do Sr. Roméro, decidiu-se em favor do Castro.

A verdade é que um contando a seu favor a prioridado e o outro a juventude, ambos representando os matises propios da escola, foram os iniciadores de um periodo fecundo na litteratura patria, os dois corajosamente erguendo nos seus hombros, com igual responsabilidades e iguaes direitos, a nova cathedral da arte.

Os dotes que eu alleguei em favor da rapida celebridade do Castro, foram coadjuvados por circumstancias mutiplas, taes como a sua passagem pelo Rio, a sua transferencia para o centro litterario de S. Paulo então inteiramente morto, a publicação de um volume dos seus, algumas das suas poesias de caracter socialista espalhadas em avulso pelo paiz, e sobretudo o infortunio de sua morte prematura.

A' critica litteraria cabe indicar-nos seguramente as causas determinativas d'aquella preponderancia, referir com imparcialidade os motivos occasionaes que deram em resultado o desvio da opinião, mas entre a sentença dos criticos fluminenses ignorantes das causas apontadas, e o exagero do Sr. Romero, a verdadeira justiça da Historia encontra o meio termo.

Nem tanto á terra nem tanto ao mar, isto é, nem Tobias

foi chefe de Castro, nem este poderia ser d'aquelle: elles foram da mesma estatura, ardentes e inspirados, absortos na corrente caudalosa da escola hugona que alagou a planicie dos lugares communs, e deixou á proporção que foi baixando, o lodo que tem servido de adubo fertilisante do terreno contemporaneo da poesia, o que claramente quer dizer que os systhemas diversrs, desde então architectados por ahi acima são um producto mais ou menos rico d'aquella enchente, como o Egypto é um dom do Nylo.

Me externando assim acerca da aptidão poetica de Tobias não quero dizer que sejam impeccaveis os seus versos, nem tenho a sem cerimonia de não ver no seu tirocinio fulgurante de poeta o mais ligeiro senão.

Os seus versos não tém para mim as virtudes que os povos da India descobrem no Ramayana—o poema sagrado—que dá a sebedoria ao brahmane e a riqueza ao mercador, e aquelle que acaso tém a fortuna imcomparavel de le-lo, se é escravo torna-se nobre e se é peccador pode julgar-se remido dos seus peccados.

A poesia *Lenda Civil*, por exemplo, bella em mais de um trecho naturalistico, é profusa de imagens as vezes estravagantes, e o poeta, já para o fim, vae afrouxando o estylo, precipitando visivelmente o desfecho da scena, até o extremo de terminar com os dois seguintes versos, sem elevação de vistas e sem nenhuma graça artistica:

« O negocio vae mal, não continuo
Que a cousa se complica, lá se avenham... »

A obra poetica de Tobias tende a desapparecer se é que já não está esquecida, por dois motivos principalmente;

1.° porque como critico, orador e jurisconsulto elle conseguiu erguer um vasto edificio, muito acima da craveira commum, que deve existir pelo menos emquanto houver um pedaço da actual patria brasileira;

2.° porque os seus versos e os de Castro Alves, á força de serem durante mais de dois decenios recitados no salões indigenas, ao som de um piano de voz soturna, por uns rapasitos pennugentos e de faces desbotadas, á ponto da bohemia ter feito as maiores brejeirices á custa do—*Sabes quem foi Ashaverus* ? e do—*Vi Pentales nua*, foram inteiramente afastados da scena, e, coisa para admirar ! com os versos desappareceu tambem a forasteira tribu dos recitradores.

Por seu terno um grupo de poetas sarrafaçaes' charivari-

sando a escóla, deu-nos uma collecção poesias aleijadas e insupportaveis, n'um gongorismo irritante, e com mau cheiro.

Fóra o periodo fastidiento dos imitadores de toda obra d'arte.

De resto, o esquecimento dos versos de Tobias, não é um caso esporadico nas lettras patrias, porque o mesmo tem succedido com as producções dos mais populares representantes da poesia no Brazil.

Gregorio de Mattos, o grande poeta satyrico do seculo XVII. improvisador fluente e original carece, duzentos annos depois de sua morte, que a archeologia remova o pó em que a ingratidão dos seus patricios sepultou a sua memoria.

Quem da geração nova sabe o *Napoleão em Waterloo*, conhece o cantor de Marilia, já sentiu a tristeza da musa dolente de Casimiro, quem repete as *Voses da Africa* e o *Genio da Humanidade* ?

Os nomes dos auctores tornam-se celebres e são repetidos automaticamente por todas as gerações velhas á mocidade que surge, mas bem raros são os que estudam o estylo, a escola e o caracter dos poetas, rarissimos os que sacodem a poeira dos livros para conhecer a litteratura que vicejou em um laborioso periodo extincto.

Será isto devido a indole de nossa raça ou antes á natureza da poesia ?

Em verdade não nos occupamos voluntariamente dos nossos grandes homens, sejam estes representantes da sciencia ou da arte.

Infelizmente, por um defeito organico ou de educação, falta-nos a autonomia intellectual ou a vida propria que Saint Beuve, escrevendo sobre a escola de Malherbes, folgava em reconhecer na Normandia que, tendo se tornado celebre por seus poetas da idade media e do nascimento da litteratura classica franceza, presta-lhes as honras devidas e, faz muito mais do que isso, estuda-os.

Com uma população que ainda não está de todo fundida, disseminada n'um territorio extensissimo e sem vias de communicação, heterogenea pela corrente emigratoria constante, com sensasões diversas pela mudança de scena que se opera com a variedade do clima e dos interesses, a patria não tem um ponto de vista homogeneo em qualquer de nossas manifestações intellectuaes.

D'ahi talvez a falta de cohesão em torno de uma bandeira, o que determina o sacrificio por uma idéa, por um principio, laço

sagrado que prende os espiritos aos compromissos de honra; d'ahi porventura o esquecimento em que se perde a obra dos nossos litteratos.

A poesia, por outro lado, não tem musculos nem o sangue arterial necessario para a propaganda e se á custo ella veste excepcionalmente a blusa vermelha dos agitadores. se torna-se bellicosa e sanguinaria, faz as mais das vezes o papel contrafeito das raparigas que andam cacarejando contra os máus governos que arengam nas praças publicas e vão depois. de olhos fundos e mãos crispadas comboiando a turba dos anarchistas, a arrebentar de hysterismo e de ridiculo.

Com os cambiantes. a tunica franjada de ouro, os custosos ouropeis, o perfume femenino, com o espartilho justo do rythmo e a dependencia de andar joeirando a rima, ella tem precisão absoluta de fibra para superar as grandes resistencias das olygarchias absorventes.

Ora, no momento em que a poesia tiver deixado de cantar o amor cavalheiresco e os grandes dramas da familia, com a suave fragrancia do lyrismo impessoal, quando ella não mas souber se aproveitar, com os escrupulos da bem entendida plastica, dos valores euphonicos e das cadencias syllabicas para escolher os trechos da vida humana que despertam a alegria ou a compaixão no intimo da alma, quando ella não possuir mais a tonalidade, o relevo e a arte de dar novo lustre a significação colorista das palavras, então os poetas podem atirar definitivamente as musas ás ortigas, pelas simples razão de não haver mais quem os leia.

Isso não quer dizer, porem, que Tobias houvesse perdido a sua preciosa juventude á fazer versos que teriam de ser despresados ao fim de dous decenios.

A carcassa de sua obra poetica, a parte material do bello edificio se assim me é dado exprimir-me póde ameaçar ruinas porque já perdeu o tom da moda; mas a parte que bem se deve chamar subjectiva, espelho que reproduz as scenas e as imagens de um periodo accidentado e de rara opulencia de perspectiva, a que deu ao seu tempo tudo o que podia dar—a transfusão de sangue novo para as veias da nossa poesia dessorada e anemica essa parte não será esquecida. estou certo, emquanto houver no coração da patria um loguar para as joias das nossas tradições litterarias.

Dr. Phaelante da Camara

———:::———